

Índio popular
19/4/97 2
1663

Índio da reserva enfrenta problemas

BRAÚNA — Os 98 índios da reserva indígena de Icatu, onde vivem os remanescentes dos Kaingang — que habitavam o oeste paulista entre os rios Tietê e Paranapanema — e dos Perena, vindos do Mato Grosso do Sul, não têm muito o que comemorar hoje, Dia do Índio. Neste ano foi fechada a Escola de Primeiro Grau Maria Rosa, onde estudavam 18 índios e houve redução drástica nas verbas destinadas a eles. O ex-cacique Cândido Mariano Elias desabafa: “O nosso Governo cortou 80% dos recursos que vinha aplicando na nossa reserva. Se não plantarmos como vamos sobreviver? Este ano não tivemos condições de plantar nenhum pé de milho. Para mim, que tenho filhos para sustentar, isto dói”, afirmou Mariano.

A reserva Icatu, com 292 hectares, é uma das três áreas destinadas aos índios no oeste de São Paulo. Antigamente eles plantavam milho, arroz, feijão e mandioca. Pela falta de recur-

sos essa atividade foi paralisada. Hoje os indígenas trabalham como bóias-frias nas fazendas da região e seus filhos são obrigados a caminhar 10 quilômetros até Braúna para estudar.

A caça e a pesca, práticas muito usadas pelos seus antepassados também ficaram praticamente impossíveis de serem feitas, pois as matas foram derrubadas e os rios estão contaminados com agrotóxicos. Ranulfo Camilo, chefe do posto de Icatu, afirma que os índios estão tentando superar esta limitação criando peixes no açude para usar na alimentação da tribo.

Para Cândido, se os índios não resgatarem suas tradições, eles desaparecerão. “Os índios entram no meio dos brancos e quando voltam à reserva não querem mais ser índios, ficam com vergonha de usar tanga, de falar a nossa língua. Mas isto não pode acontecer. O nosso documento é a linguagem. Se eu não falar a minha linguagem eu não sou índio”, frisou.